

A woman in a dark top and skirt stands in a large, ornate museum gallery with red walls and a vaulted ceiling. The walls are covered with various framed paintings. The floor is made of light-colored wood in a parquet pattern. The ceiling features a series of skylights and decorative architectural elements.

MARÍA  
GAINZA

O  
NERVO  
ÓTICO

Uma originalíssima combinação  
de memórias, ficção e livro de arte.

Porque a vida é um museu.



D. QUIXOTE



María Gainza  
∞  
O NERVO ÓTICO





*Para Azucena*



*Os aspetos visuais da vida sempre  
tiveram para mim mais peso do que  
o seu conteúdo.*

JOSEPH BRODSKY

*Vou admirar o quadrinho, dizia Liliana  
Maresca depois de tomar a sua dose de  
morfina.*

LUCRECIA ROJAS





## O CERVO DE DREUX

Conheci Dreux numa manhã de outono; o cervo, exatamente cinco anos depois. Nesse dia tinha saído de casa com um sol resplandecente e repentinamente, sem aviso, começou a chover. Chovia como na Bíblia e em poucos minutos as ruas estreitas do bairro de Belgrano transformaram-se em rios traiçoeiros; as mulheres amontoavam-se nas esquinas, calculando qual o lugar mais elevado por onde atravessar; uma velha batia com o guarda-chuva num autocarro que não a queria deixar entrar; e às portas das lojas os empregados apercebiam-se da água a engolir os caminhos e apressavam-se a instalar as comportas de ferro que tinham comprado depois da última inundação. Eu precisava de guiar um grupo de estrangeiros na visita a uma coleção privada. Era a isso que me dedicava e não me parecia um mau trabalho, mas, enquanto esperava que chegassem os meus clientes, protegida sob o toldo de um bar, um táxi passou demasiado perto e molhou-me o vestido amarelo. Três carros depois a chuva amainou, tão de repente como tinha começado, e, por entre as últimas gotas que caíam, suspensas como uma cortina de contas de vidro, chegou o táxi com os meus clientes. Eram norte-americanos, um casal de meia-idade, ela de branco e ele de preto, e vinham impecáveis e secos, como se o motorista os tivesse acabado de recolher na lavandaria.

Entrámos numa casa que outrora fora um pequeno hotel rodeado por um vasto jardim e que agora estava espremida entre um edifício vulgar e um pomposo chalé californiano. Um mordomo levou-nos até à sala de estar, deslizando como uma enguia por entre os móveis. Quinze minutos depois, abriram-se umas portas de correr até então ocultas e apareceu a colecionadora. Observou-me. Observei-a. Era sem dúvida melhor do que eu no jogo de suster o olhar. Vestia-se de cinzento. Em redor da boca tinha rugas de amargura como qualquer mulher depois dos quarenta, o nariz aquilino era uma arma afiada e na camisola de cachemira repousava uma pregadeira dourada na forma de um bichinho que, devido à distância que manteve em relação a mim durante toda a visita, não consegui identificar.

A mulher examinou-me com a mesma inquietação com que na noite anterior me dissera pelo telefone que não entendia a minha insistência em ir também, quando ela podia perfeitamente mostrar os quadros sozinha. Mas eu era diretora, secretária, paquete e guia da minha própria empresa, e esse era o modo de funcionamento dessas visitas privadas que me davam de comer, tentara explicar-lhe, embora não com estas palavras. «Está bem, vejo que é ambiciosa, espero-a ao meio-dia», disse ela, antes de desligar. E ali estava eu no dia seguinte, pingando água suja sobre o seu parquê encerado. A mulher ordenou que me trouxessem calçado alternativo. Minutos depois, com umas felpudas pantufas brancas, eu desempenhava a minha função de guia para um grupo de pessoas que perdera todo respeito por mim. Restavam-me apenas o comentário engenhoso e o olhar arguto, e prosseguia mais ou menos bem encaminhada quando reparei num potro que galopava na minha

direção sob um céu cor de chumbo. Olhei por um instante a minha anfitriã, não mais do que um microssegundo, mas os meus olhos estavam condenados a não enganarem ninguém. Ela sorriu, satisfeita.

– Alfred de Dreux. Não o estudam na faculdade? No século XIX? – questionou, enquanto segurava um cigarro com boquilha de marfim entre os longos dedos, dos quais era óbvio que se orgulhava.

– Claro que sim. É um quadro magnífico – respondi.

Tratava-se de uma dupla mentira: nunca tinha ouvido falar de Dreux e o quadro parecia-me apenas bonito, bem pintado, mas não mais do que isso.

– Não me diga – comentou ela, e exalou o fumo, formando um anel perfeito que flutuou até mim através da sala.

Os americanos sorriam calmos, artificiais e a preto e branco, como na obra *Rompecabezas* de Jorge de la Vega.

\*

Como já referi, vi o cervo de Dreux cinco anos mais tarde, noutra manhã tempestuosa de abril em que tinha ido passear ao Museu de Arte Decorativa. Estava sozinha, que é como gosto de ver as coisas pela primeira vez, e preparada para a chuva com umas elegantes botas de borracha de meio cano. Pode ser que ter nesta ocasião um calçado adequado tenha tido influência, porque desta vez o meu encontro com Dreux foi fulminante, aquilo que A. S. Byatt chamaria *the kick galvanic*. Fez-me lembrar que na arte tudo se joga na distância que vai de algo que nos parece bonito a algo que nos cativa, e que as variáveis que modificam essa percepção podem e costumam ser as mais insignificantes. Assim que o vi, comecei a sentir aquela agitação que alguns descrevem como borboletas no estômago mas que para mim

assume uma forma bastante menos poética. De cada vez que um quadro me atrai intensamente, é o mesmo papelão. Disseram-me que é a dopamina libertada pelo meu cérebro que aumenta a pressão arterial. Stendhal descreveu deste modo essa sensação: «Ao sair de Santa Croce, o meu coração batia descompassadamente; sentia que a vida se esgotara em mim, caminhava com medo de cair.» Dois séculos depois, uma enfermeira do serviço de urgência de Santa Maria Nuova, alarmada com o número de turistas que caíam numa espécie de coma voluptuoso diante das esculturas de Miguel Ângelo, batizou-o como síndrome de Stendhal.

Nessa manhã, tentando manter a compostura, afastei-me pelo jardim de inverno. Caminhava cambaleante como no convés de um barco, oscilando de um lado para o outro, os olhos como bússolas desmagnetizadas. Saí para apanhar ar e regresssei, agora psicologicamente preparada para o reencontro, e foi um alívio ver que o Dreux permanecia ali. Estava pendurado no que fora a sala de jantar da família Errázuriz, um salão barroco francês, cópia de outro existente em Versalhes: uma divisão grande sem ser desmesurada que no outono se poderia revelar agradavelmente quente devido à luz que entrava pelas janelas que dão para o jardim, mas que era na verdade um gelo porque, por segurança, se mantinham as persianas fechadas e se considerava que um pequeno aquecedor do tamanho de um tijolo poderia fazer o trabalho todo.

Há, na realidade, dois Dreux no salão – um par de cenas de caça pintadas em meados do século XIX –, mas os olhos fogem-me invariavelmente para um deles; e, embora a descrição de quadros seja sempre muito aborrecida, não tenho opção: a mais surpreendente das duas é uma pintura

vertical em que uma matilha de cães encurrala um cervo; o combate animal está representado na parte de baixo do quadro e na parte de cima, que juraria ter sido acrescentada depois para adaptar a pintura aos altos tetos do salão, há uma paisagem de céus azul-celeste, nuvens enoveladas e uma árvore incaracterística que podia ser todas as árvores. É uma pintura bastante convencional, não nego, mas apesar disso atraí-me. Mais, põe-me nervosa.

\*

Alfred de Dreux tinha sete anos quando, percorrendo Siena com o padrinho, se cruzou com o grande Géricault, o mártir do romantismo francês. Géricault encontrava-se na cidade a estudar a pintura de Simone Martini, pois procurava devolver à arte do retrato a força perdida em alguma volta do caminho; e, quando poisou o olhar sobre o circunspeto Alfred, pensou que daria um requintado modelo. Retratou o pequeno sentado sobre umas rochas numa tarde em que o vento *Föhn* soprava vindo das colinas e lhe corava as bochechas. Na realidade, retratou-o no seu *atelier* e inventou o resto. É um quadro gracioso, atípico numa época em que só se sabia retratar as crianças como adultos em miniatura: o jovem Alfred surpreende pela vivacidade do olhar e pela pele rosada.

O encontro pareceu um daqueles que determinam destinos ou selam pactos, porque dois meses depois, quando Alfred visitou Géricault no seu *atelier* em Paris, descobriu que o mestre não era somente pintor de cenas épicas em que predominavam jangadas à deriva ou de arrepiantes retratos de loucos; Géricault também pintava animais em estado selvagem: cavalos, leões e tigres eram estudados com a mesma lucidez com que estudava os homens.

Essas imagens provocaram impacto na mente permeável do jovem Alfred e, anos mais tarde, quando o duque de Orleães procurou um pintor para os seus estábulos, escolheu Dreux entre centenas de candidatos, o que lhe valeu a fama de melhor pintor de cavalos de França. Depois da Revolução de 1848, o seu virtuosismo chegou aos ouvidos de Napoleão III, e quando este foi forçado a emigrar com a família para Inglaterra convidou repetidas vezes o pintor para que realizasse retratos equestres. Dreux morreu em Paris aos 50 anos de um abscesso hepático que trouxera da sua estada em Inglaterra, mas nos salões correu o rumor de que o abscesso era na realidade uma ferida de sabre feita por Fleury, ajudante de campo do imperador, num duelo que acontecera por motivos que a corte no exílio se encarregou ciosamente de ocultar.

\*

O que pensariam destes quadros os visitantes dos Errázuriz? Deter-se-ia alguém, alguma vez, a olhar os Dreux? Ou seriam para eles tão invisíveis como papel de parede bege? Imagino-os sentados à mesa. Acabaram de levantar o primeiro prato quando a porta se abre e entra o *maître* com a carne, pincelada com manteiga fresca e salsa acabada de picar e servida sobre uma cama de vegetais e batatas cozinhadas a vapor; segue-o um criado transportando uma molheira de prata adornada com relevos de gaitas de foles. Alguém comenta os avanços nas negociações com o Chile: não haverá guerra. O senhor Errázuriz sabe pormenores, afinal é o embaixador do seu país. A sua esposa Josefina, que, como é nova, ainda acha que se deve interessar pela conversa dos homens, sorri, mas pelo canto do olho observa o rosto já murcho da mulher mais velha que tem

à sua direita e, em sobressalto, pensa que dentro de poucos anos se assemelhará a ela. Como se tentasse reverter o tempo, de vez em quando ergue as mãos e agita-as ligeiramente para fazer baixar o sangue e acentuar a brancura da pele. Mais tarde, ao levantarem-se da mesa, procurará refúgio num jogo de *whist*. A única que olha o quadro é a mulher mais velha, a senhora de Alvear, que outrora foi a soprano Regina Pacini: os seus olhos dirigem-se do cervo ainda vivo na pintura ao outro, morto e servido em fatias finas no prato. Na sala renascentista contígua à sala de jantar, entre as tábuas de madeira, um relógio dá as horas. A senhora de Alvear sente um calafrio mas atribui-o a uma corrente de ar. Ultimamente não consegue identificar bem o que sente.

\*

As pinturas de caça não eram uma excentricidade no tempo de Dreux. Evocavam um desporto senhorial que surgira na Idade Média como marca de classe, quando a caça se transformara num passatempo da aristocracia, ou melhor, uma ocupação, muitas vezes a única, através da qual se ganhava prática de guerra e se poderia ainda medir o nível endogâmico da nobreza. Foi para poderem praticar a caça maior apenas entre pares que os senhores proibiram o acesso aos bosques. Com as presas grandes ficavam eles; os camponeses tinham de contentar-se com as aves e coelhos que andavam pelas zonas ali à volta.

Da fusão da arte italiana de Siena com a flamenga do norte surgiu, nas cortes no final do século XIV, o gótico internacional. Um dos seus mais requintados exemplos é o manuscrito medieval conhecido como *As Mui Ricas Horas do Duque de Berry* (*Les Très Riches Heures du Duc de Berry*).

Aí, no calendário de dezembro, um grupo de cães rodeia um javali no meio do bosque; a cena parece um Dreux em miniatura. É provável que o pintor se tenha cruzado com estas imagens nas visitas que fez, na companhia de Napoleão III, ao Castelo de Chantilly, lugar onde me disseram que se conservavam os livros. À acuidade aprendida com Géricault, Dreux acrescentou a estilização voluptuosa inspirada nos manuscritos e, com estes dois elementos combinados a seu gosto, criou imagens em que não há espaço, apenas presença material.

Sintam como pulsa na pintura um simbolismo atávico: os contrastes entre o bem e o mal, a luz e a escuridão. O cervo foi pintado poucos segundos antes de morrer. Um cão morde-lhe o lombo; outro, uma perna. O animal está prestes a tombar, tem a língua de fora, o pescoço exageradamente contraído, os olhos observam-nos com o mesmo desânimo com que a lebre olhava o príncipe em *O Leopardo* de Lampedusa: «Dom Fabrizio viu-se fixado por dois grandes olhos pretos que, invadidos rapidamente por um véu glauco, o olhavam sem censura, mas que estavam plenos de uma dor atónita dirigida contra toda a ordem das coisas.»<sup>1</sup> Lampedusa entendia bem como as coisas dão voltas antes de partir: deixam o seu rasto de caracol, a sua esteira de prata transparente e húmida, e depois afundam-se na memória.

\*

Há três anos, uma amiga dos tempos da escola estava a passear pelos arredores de uma coutada de caça em França. Fora a Paris visitar a irmã, que nos últimos anos tivera uma carreira meteórica na Lancôme e conhecera

<sup>1</sup> LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *O Leopardo*. Tradução de José Colaço Barreiros. Alfragide: Publicações Dom Quixote: 2014, p. 127.

um belga milionário com quem tivera filhos. A minha amiga era solteira, mudava constantemente de emprego e não tinha dinheiro para viajar, mas a irmã insistiu em que fosse, que ela pagar-lhe-ia a passagem.

Quando chegou, numa sexta-feira de manhã, a irmã informou-a de que tinham sido convidadas a passar o fim de semana num castelo no campo. E saíram de carro nessa mesma tarde, embora tudo indicasse que iria chover. O ar estava saturado e, quando chegaram ao castelo, desencadeou-se a tempestade. Protegida por um edredão de penas, a minha amiga dormiu até tarde no dia seguinte. Imagino que enquanto lavava a cara se tenha sobressaltado com o som metálico do gongo anunciando o almoço e apressado a descer. Quando apareceu, já havia uma vin-tena de convidados a deambular pelo parque; caminhavam como *zombies* na direção de uma mesa comprida sob um toldo, ao ar livre. Seguiu-os. A irmã chegou pouco depois e sentou-se na outra ponta; tinha trocado o blusão de esqui da noite anterior por um casaco *loden* verde. De vez em quando, o vento levantava uma parte da lona e permitia vislumbrar o parque: o lago, com uma cobertura tão espessa de folhas que não deixava ver a água por baixo; as enormes árvores ainda gotejando os restos da chuva noturna, tão velhas que em alguns casos tinha sido preciso amparar os ramos com vigas enferrujadas e por isso agora se curvavam como gigantes de muletas. A minha amiga conversou durante um bocado com um casal de arquitetos, mas o ar de outono era frio e, logo que pôde, colocou a sua cadeira ao sol para se aquecer um pouco. O resto da mesa ainda não tinha acabado de beber café quando ela disse que precisava de esticar as pernas, que desde os seus nove anos eram compridas como as de um veado. Um rapaz

francês ofereceu-se para a acompanhar. Sugeriu-lhe que fossem até ao fim da longa alameda e voltassem.

Avançaram devagar, havia lama no caminho e o vento soprava por entre as casuarinas. «É época de lebres, havemos de ver alguma por aí», disse o rapaz. Quando chegaram ao fim da alameda, deram então a volta. Ao longe, vindo do bosque vizinho, ouviu-se o som de uma trompa. Alguém chamava os cães para que regressassem. Nessa altura, uma bota da minha amiga enterrou-se na lama e ela tentou libertá-la. Meio metro à frente, o companheiro estendeu-lhe a mão mas ela recusou: «Consigo sozinha», murmurou, impaciente; um segundo depois, uma bala perdida perfurava-lhe as costas na zona do pulmão.

Caiu sobre a lama; o francês contou mais tarde que no seu rosto havia apenas surpresa: «Isto era tudo? Já acabou?», parecia perguntar.

\*

Havíamos-nos cruzado na rua um mês antes, não nos víamos havia mais de dez anos e durante um bocado tratámos de pôr a conversa em dia. Era uma mulher atraente de 35 anos, tinha um namorado novo e um emprego também recente numa casa de móveis onde trabalhava muito e ganhava pouco, mas não se importava porque ainda não queria ter filhos. De vez em quando penso nela, no instante em que a bota ficou presa na lama, fazendo-a parar precisamente no trajeto da bala. E não sei o que fazer com essa morte tão estúpida, tão gratuita, tão hipnótica; e também não sei porque estou a contar isto agora, mas suponho que é sempre assim: escrevemos uma coisa para contar outra.